

## 5

### Considerações finais

Nossa pesquisa buscou, à luz da teologia sistemático-pastoral, da teologia bíblica e do Magistério da Igreja, refletir sobre uma questão que julgamos relevante e urgente para todo aquele/a cristão/ã comprometido com a missão de evangelizar, a saber: Pode o “novo crente” viver uma autêntica conversão cristã? Mais que respostas, nossa investigação buscou entendimento e maior clareza a respeito do contexto religioso pós-moderno onde a mobilidade entra em confronto com a fixidez de nossa Igreja em muitos aspectos, desafiando nossa prática pastoral, nossa pregação, nosso culto, enfim nossa maneira de crer e viver a fé em Jesus Cristo.

No meio acadêmico, nas salas de aula, pensar essa questão do religioso em movimento, das novas formas de vivenciar a religião, de escolher o próprio credo, tornou-se urgente, pois ajudar na construção de um ‘saber’, supõe, ao menos, a disposição para ouvir, discernir e discutir sobre o que se pretende transmitir. De nossa parte, enquanto professores e/ou evangelizadores, abertos à escuta de nosso alunos, é indispensável a flexibilidade na aceitação do ‘novo’ que reveste quase tudo que se refere à vivência religiosa hoje, se quisermos dialogar com nosso corpo discente. A figura do ‘novo crente’ se traveste de adolescente, jovem ou adulto, de ambos os sexos. Não faz distinção de raça, cor, classe social ou escolaridade e, portanto, faz parte da paisagem cotidiana de qualquer cristão. Não podemos adiar ou prescindir de uma tomada de posição diante dessa interpelação que nos faz o ‘novo crente e sua práxis’. É preciso enfrentar com coragem e discernimento a tarefa de convidá-los, como o faria Jesus, a construir, também, o Reino. Do contrário, talvez estivéssemos nós, os ‘autênticos cristãos’, a inventar uma maneira própria de viver o Evangelho. Não há mais como procrastinar essa empreitada porque estaremos correndo o risco de, não somente estar deixando de anunciar o Evangelho, mas traindo mesmo sua mensagem.

Procuramos construir uma resposta que, na verdade, foi sendo elaborada ao longo da reflexão. Mostramos a impossibilidade de o novo crente peregrino, uma vez que demonstra não querer assumir compromisso com a comunidade de fé, realizar o processo de verdadeira conversão, embora, pela Graça de Deus esteja

capacitado a experimentá-Lo. <sup>455</sup>O novo crente não poderá, nesse caso, desfrutar da experiência de sentir-se um entre outros, na comunidade de fé, e “experimentar que é justamente o estar com-os-outros a condição para apreender sempre mais em seu próprio ser” <sup>456</sup>. Buscamos fundamentos antropológicos na teologia de Gonzalez Faus que foi tornando claro que todo ser humano pecador é chamado por Deus para um verdadeiro encontro humanizador consigo mesmo, onde o Espírito de Deus habita e se faz presente renovando seu interior, refazendo suas forças, capacitando aqueles que respondem positivamente desejando reorientar sua vida num processo de conversão.

Dom Fernando Figueiredo tece algumas considerações sobre o processo de conversão que resumimos a seguir.

“O «convertere» se apresenta como sendo um «ultrapassamento» da situação-limite em que o ser humano se encontra. É este o seu «fazer-se», o mais íntimo, e que constitui seu mais verdadeiro interesse. Todo seu esforço está orientado neste sentido.[...] É o empenho máximo colocado na realização de suas atividades para colher e ser colhido pelo deixar ser dele, nele mesmo; empenho máximo para descobrir o que ele deve ser. É aí que o ser humano percebe a presença de seu Deus Criador que se inscreve no movimento de ultrapassamento. A aspiração para chegar ao que ele deve ser se efetiva no empenho do ser humano para deixar Deus ser nele na descoberta do que ele é em Deus”<sup>457</sup>

Esse processo dura a vida inteira do cristão, e é um dom gratuito de Deus, oferecido pela sua Graça mediante Jesus Cristo para a nossa salvação.

A fé cristã tem uma dimensão individual, pois é a pessoa mesma quem crê e deve dar uma resposta afirmativa ou negativa a partir de sua subjetividade, na liberdade. Mas não podemos considerar somente essa dimensão subjetiva da fé, pois ela não se encontra dissociada da dimensão comunitária, não menos importante. Ambas se interpelam e se complementam. A resposta livre ao acolhimento do amor de Deus só pode ser manifestada na vivência de uma fé amadurecida que comporta as duas dimensões. O ‘novo crente’ e muitos batizados dentro da Igreja, uma vez desejosos de conversão a Jesus cristo, deverão contemplar sua vivência religiosa a partir dessa perspectiva. Numa palavra, é

<sup>455</sup> Augusto Guerra insiste na difícil tarefa da avaliação da experiência que ele considera imprescindível. Afirma ele que os lugares referenciais da experiência são aqueles que não podem faltar a um cristão : a própria consciência, a pessoa de Jesus e a Igreja. In GUERRA A., op. cit. p. 393.

<sup>456</sup> FIGUEIREDO.F.A., op. cit. p. 22.

<sup>457</sup> Ibid.p.24.

imprescindível que aquele/a que pretenda viver a fé cristã com um mínimo de maturidade e gratuidade, assuma uma postura de serviço aos demais.

O prof. França Miranda, em quase todas as suas obras, afirma insistentemente, que “o critério decisivo da autenticidade da fé cristã é a caridade, o amor ao semelhante, e ao semelhante necessitado, impotente, pobre (MT 25,34-46). Essa caridade tem um dinamismo universal, não podendo se limitar a um determinado grupo de pessoas, sob pena de não ser o que parece”<sup>458</sup>. Apenas para tornar mais forte ainda este argumento, é preciso não esquecer que quando o “moço rico” perguntou a Jesus o que ainda lhe faltava para ter a vida eterna, já que guardava todos os mandamentos, Ele lhe respondeu;” Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”(cf. Mt 19,16-21). A nova religiosidade não pressupõe a dimensão comunitária e, sem querer fazer juízo de valor, nem sequer considera que a exigência de uma ética solidária faça parte da resposta ao amor oferecido por Deus.

Através de uma leitura atenta do Novo Testamento, fomos recolhendo elementos essenciais da experiência das primeiras comunidades para formar um quadro esclarecedor sobre o tema *conversão*, e foi também, ficando evidente a nossa responsabilidade nesse processo, na medida em que essa libertação não pode ser imposta, mas somente oferecida, já que Deus é Amor. E Amor Ágape. Fomos criados como seres de resposta, e apesar de nossa criaturidade ambígua e frágil, somos capacitados a acolher o amor de Deus, na liberdade.

Por fim, reconhecemos que a Igreja Católica deve sentir-se interpelada a refletir sobre sua prática pastoral e também repensar a teologia em toda a sua amplitude. Nessa perspectiva, muito nos ajudou o pensamento do teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga e do também teólogo e prof. Joel Portela Amado que tem focado sua pesquisa na religiosidade presente no meio urbano e seus desafios para a Igreja.

Concluimos, portanto, ‘novo crente’ vivencia sua religiosidade sob uma ótica própria, que buscamos tornar mais clara, e que nós, enquanto Igreja, precisamos compreender para que, sem perder nossa identidade cristã, e numa postura fiel ao Evangelho, saibamos anunciar-lhe o Reino, colaborando na sua

---

<sup>458</sup> FRANÇA MIRANDA, **Um Homem Perplexo**, p. 25

conversão, convidando-o a embarcar nessa viagem que só terminará no porto onde todas as diferenças já não mais existirão, pois estaremos diante Daquele que nos ama, a todos, com o mesmo Amor.

Queremos rezar, com *o papa Bento XVI*<sup>459</sup> e com toda a Igreja:

*“Fica conosco, pois cai a tarde e o dia já declina” (Lc 24,29)*

*Fica conosco, Senhor, acompanha-nos, ainda que nem sempre tenhamos sabido reconhecer-te.*

*Fica conosco, Senhor, quando ao redor de nossa fé católica surgem as névoas da dúvida, do cansaço ou da dificuldade: tu que és a própria Verdade como revelador do Pai, ilumina nossas mentes com a tua palavra; ajuda-nos a sentir a beleza de crer em ti. Fica, Senhor, com aqueles que em nossas sociedades são os mais vulneráveis; fica com os pobres e humildes, com os indígenas e afro-americanos, que nem sempre encontram espaço e apoio para expressar a riqueza de sua cultura e a sabedoria de sua identidade. Fica, senhor, com nossas crianças [...] e com nossos jovens[...] com nossos anciãos e com todos os enfermos! Fortalece a todos em sua fé para que sejam teus discípulos e missionários!”*

Fica conosco Senhor, e ajuda-nos a acolher o ‘novo crente’ como acolheste todos que se aproximaram de ti. Ajuda-nos, Senhor, a ver-te em cada homem e em cada mulher nesse mundo tão esvaziado da tua presença concreta. Faz com que possamos ser capazes de desocupar o trono onde particularizamos egoistamente a tua Verdade e regemos, muitas vezes, de maneira individualista, o Reino que tu nos enviaste a ajudar a construir. Ajuda-nos a abrir mão da pseudo segurança que depositamos em nossos tesouros terrestres onde nos omitimos diante da tarefa de Te anunciar com nosso testemunho de vida. E ajuda-nos a restabelecer a alegria evangélica de ir ao encontro daqueles que te procuram em outros lugares por não reconhecerem-te em nós.

Fica conosco, Senhor, para que possamos recuperar nossa condição de filhos adotivos através do serviço aos irmãos. Fica conosco, para que sejamos capazes de, pela infusão do teu Espírito, encontrar meios eficazes de te anunciar fielmente àqueles que transitam pelas igrejas querendo te alcançar. Ajuda-nos, Senhor, a transparecer-te nas nossas opções concretas pela justiça e pelo amor. Renova o nosso coração e infunde em nós coragem e discernimento para escolher sempre a tua vontade e como o filho pródigo, converter nossa vontade à tua, fazer do seu Filho nosso caminho de conversão e, junto com os irmãos, nascer de novo no teu abraço. Amém!

---

<sup>459</sup> Documento de Aparecida, nº 554